

Apresentação

Ana M. G. Albano Amora

Arquiteta, professora associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / UFRJ, desde 2008, e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ / UFRJ. Doutora em 2006 pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano IPPUR da UFRJ, representante da FAU no Cepeg (Conselho de Ensino para Graduado) desde 2018. Coordena o Doutorado Interinstitucional com a Universidade Federal da Fronteira Sul, pelo PROARQ. Participa da área de concentração PATRIMÔNIO, TEORIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA, atuando no Grupo de Pesquisa “Pensamento História e Crítica”, com as seguintes pesquisas: “Lugares de Memória da Saúde” e “Arquitetura e Arquitetos Brasileiros séculos XIX e XX”. Participa como professora colaboradora do Curso de Especialização em Conservação e gestão do Patrimônio das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz - COC, da Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, onde integra o Grupo de Pesquisa “Saúde e Cidade”, atuando em pesquisas conjuntas sobre hospitais pavilhonares. Possui experiência em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, com foco nas seguintes temáticas: preservação do patrimônio cultural; história da arquitetura moderna brasileira; história e teoria da arquitetura hospitalar; história da cidade e do urbanismo.

aaamora@gmail.com

Muito além da arquitetura e do urbanismo

Arquitetos e urbanistas, como outros profissionais, tem uma trajetória ligada ao ofício mas, também, uma biografia que se relaciona indiretamente com a produção e com as etapas entendidas de forma linear por um senso comum (início, meio e fim)¹. No caso de Sergio Wladimir Bernardes, tais esferas estão conectadas mas, nem sempre, como um todo coerente, dado seu constante e inevitável inconformismo diante do estabelecido, seja perante a prática profissional e às técnicas disponíveis, ou seja perante os princípios do modo de vida imposto pela sociedade da época. Era, assim, um homem com saudades do futuro.

Bernardes, que era para mim um personagem distante, mas carismático, com o qual só tivera um breve contato numa palestra ministrada nos idos dos anos de 1970 para estudantes de arquitetura na Universidade Santa Úrsula- RJ, foi se construindo a partir de dois caminhos: o primeiro apresentado por representações constantemente feitas no campo da arquitetura e do urbanismo e pela imprensa, que qualificavam o arquiteto como utópico, sonhador e delirante; o outro, pela observação nos seus projetos de grande rigor técnico e construtivo. Assim, o personagem foi sendo moldado para mim como um palimpsesto, em que a cada momento se escrevia um novo texto, ou mesmo com um mille feulles com camadas de significados.

Entretanto, não é nosso papel neste número especial do Cadernos Proarq comemorativo dos 100 anos de nascimento do arquiteto, entender o homem, mesmo que seja fascinante. A ideia é compreender a envergadura do profissional e seu legado, e refletir sobre como a carreira de Bernardes nos faz ver múltiplas faces de um mesmo profissional - desde aquela que revela a herança da formação acadêmica oriunda da antiga Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e que permaneceu em inúmeros projetos, até a das inquietações para dar soluções técnicas inovadoras, e mesmo a do arquiteto e urbanista preocupado com o futuro em escala regional e nacional.

A principal baliza que me direcionou a um entendimento do arquiteto Bernardes foi a pesquisa sobre o Sanatório de Curicica, com a participação da então mes-tranda Thaysa Malaquias e do bolsista de iniciação científica Michael Morouco, e com a parceria do atual coordenador do Docomomo Nacional Renato Gama-Rosa Costa, que foi o responsável por me apresentar a obra e sobre a qual trabalhamos desde 2014.

A partir do estudo dessa obra, do início da sua carreira após sua graduação pela Faculdade Nacional de Arquitetura – FNA (1948), e como chefe do Setor de Arqui-

¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

tetura da Campanha Nacional Contra a Tuberculose, foi possível entender que, ainda jovem, Bernardes já assumira a envergadura de um profissional completo e detentor de ferramentas projetuais que o acompanhariam ao longo de sua vida.

Além disso, o arquiteto já apresentava na sua atuação características da sua personalidade que singularizariam seus projetos, como seu comprometimento com a inovação e a experimentação. Numa época em que ainda nem engatinhávamos na industrialização da construção, Bernardes projetou de forma a conciliar o projeto com o processo construtivo e a produção in loco das peças estruturais do sanatório. Isto, para atender à demanda por uma obra que pudesse ser replicada, adaptada e construída em outros locais dentro do programa da campanha, mas sem esquecer a herança dos mestres, mesclando princípios compositivos clássicos e modernos, e as inovações formais das gerações próximas, como as desenvolvidas pelos membros originários da chamada escola carioca², seus parceiros e amigos como Oscar Niemeyer.

Assim, ao percorremos o caminho de Bernardes para entendermos um único projeto seu – o Sanatório de Curicica, foi possível vislumbrar as várias faces do profissional que se descortinavam a cada passo que percorríamos. Do considerado utópico, enxergávamos o que dava soluções técnicas pensadas e refletidas a partir de pesquisa e experimentação. Do sonhador, percebíamos o realizador, que lançava mão de todos os recursos para concretizar o sonhado. Do delirante, observávamos o perseverante e o que não media esforços para alcançar os seus objetivos. Por fim, o dotado de uma racionalidade mostrava-a não só operacional, mas de natureza inventiva.

Não sou dada a cultuar celebridades, aliás, tenho fascínio por perseguir trilhas improváveis e tortuosas, mas me é impossível não admitir a genialidade de Sergio Bernardes, como não amá-lo? Sinto saudades do que não conheci dele e me encanto só de ouvir Kykah Bernardes, sua derradeira companheira, falar sobre o homem Sergio e das suas lembranças do arquiteto Bernardes.

Aliás, Kykah foi quem motivou esta empreitada de comemorar os 100 anos de nascimento do arquiteto na FAU / UFRJ, o que resultou nesta edição do Cadernos PROARQ, uma exposição e um seminário. Ela é a responsável pela salvaguarda do seu acervo. É uma incansável divulgadora da obra de Bernardes, e buscadora do reconhecimento e da valorização das ideias do arquiteto, que tem nela o principal bastião. O seu compromisso se dá para além da sua relação pessoal de afeto e admiração, mas, sobretudo, pelo entendimento do papel que teve o arquiteto de compromisso com o devir.

Enfim, Sergio Bernardes é o eterno “esquecido sempre presente”, aquele que nunca morre porque sua arquitetura é o futuro ainda a ser alcançado. Muito da sua obra ainda está por ser desvelada e compreendida. Cada vez mais, jovens pesquisadores buscam o arquiteto como tema de suas pesquisas, bem como inspiração para pensar a ocupação do território em nosso país - sem a eterna contradição do sistema produtivo com a natureza.

² Mario de Andrade (1944), apesar de salientar que a primeira manifestação de arquitetura moderna tenha se dado em São Paulo, credita aos cariocas a criação de uma primeira “escola” e diz: “o que se pode chamar legitimamente de ‘escola’ de arquitetura moderna no Brasil foi a do Rio, com Lúcio Costa à frente”. ANDRADE, Mario. “Brazil builds”. In: XAVIER, Alberto (org.). Depoimentos de uma geração: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.